

## ESPAÇOS PÚBLICOS E URBANIDADE - A PRAÇA ALEXANDRE CABANEL EM SÃO PAULO

Graciela Del Carmen Martins Vargas Gomez (IC) e Luiz Guilherme Rivera de Castro (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

### Resumo

Com o processo de análise e pesquisa do objeto de estudo da praça Alexandre Cabanel em São Paulo, será possível obter uma orientação para a melhoria do uso da praça, priorizando o tratamento do espaço público na pauta de obras municipais a fim de ampliar as possibilidades de uso do espaço público e a vida coletiva. Precisamos levar em conta que não basta projetar uma praça ou um espaço, é necessário entender a dinâmica do local, bem como a vida das pessoas no seu cotidiano. Com isso, a proposta da pesquisa é buscar meios para que se possa entender qual é o planejamento feito para o local, para que o espaço possa refletir as necessidades e os anseios dos usuários, qualificando as possibilidades de uso para o setor público, e para a população em geral.

**Palavras-chave:** Praça, espaço público, Alexandre Cabanel.

### Abstract

With the process of analysis and study of the object of research, the square Alexandre Cabanel in São Paulo, you can get a guide to improving the use of the square, prioritizing the treatment of public space on the agenda of municipal works to expand the possibilities of use of public space and collective life. We must take into account that is not just design a square or a space, you must understand the dynamics of the site as well as the lives of people in their daily lives. Thus, the aim of this research is to find ways so that you can understand what the planning done to the place, so that the space can reflect the needs and desires of the users, describing the possibilities of use for the public sector, and to the general population.

**Keywords:** Square, public space, Alexandre Cabanel.

## **Introdução**

Na cidade de São Paulo nota-se uma necessidade de espaços públicos que cumpram sua função de uso social. Espaços que possibilitem permanência, caminhadas, leitura e reflexão (GEHL, 1987). Pela precária área verde e falta de espaços tranquilos na cidade metropolitana, os espaços públicos estão sendo preenchidos por pessoas que buscam lazer e tranquilidade.

Em São Paulo são raros os locais públicos que disponibilizam à população espaços de qualidade, por meio de atrativos e comodidade. A hospitalidade urbana se dá por meio do uso dos espaços públicos, onde pessoas de diferentes idades, gêneros e cultura se encontram, possibilitando a formação da identidade da cidade contemporânea.

Com isso, praças são exemplos de espaços que estão passando por transformações em seu uso. Segundo Habermas, o espaço público foi criado pelos burgueses no século XX (HABERMAS, 1974) e hoje a construção público-social da paisagem desse espaço está mudando, e com isso a população está se apropriando mais dos locais públicos, e cada vez mais sentem-se confortáveis com o desconhecido. A construção de espaços agradáveis propiciando um uso seguro dá às pessoas uma razão para vir a um lugar e voltar. A apropriação do espaço público ainda não se deu por completo na cidade, uma vez que fatores influenciam a não permanência nesses locais, tais como a insegurança nas praças, seja pela presença de mendigos ou pela falta de policiamento cotidiano nos espaços públicos; problemas na gestão urbana, a qual muitas vezes não promove a manutenção necessária aos equipamentos públicos, tendendo à deterioração desses espaços; a problemática da acessibilidade, por exemplo, calçadas em mal estado de conservação; a falta de visibilidade do espaço a uma distância considerável; a falta de variedade de opções de transportes que possibilitem uma boa conexão entre o espaço e a cidade, e a segregação do uso excluindo determinados usuários e beneficiando outros. Segundo Simone Gatti, a qualidade de vida de uma cidade é, e sempre será, medida pela dimensão da vida coletiva que é expressa nos seus espaços públicos dispostos democraticamente pela cidade, seja no parque, na praça, na praia ou mesmo na rua (GATTI, 2013). As diretrizes apresentadas a seguir pretendem orientar o olhar para o espaço urbano, a praça, diagnosticando alguns problemas e carências, assim como identificar qualidades e potencialidades, a fim de requalificar o existente. O Paradigma de urbanidade no que diz respeito aos arranjos sociais relaciona-se ao uso dos espaços públicos e, portanto, tem relação com a ideia de vitalidade. (HOLANDA, 2002, p.126).

O tema espaços públicos e urbanidade são assuntos muito abordados na atualidade, uma vez que a busca por melhoria da qualidade de vida urbana nos espaços públicos leva

os cidadãos a refletirem sobre a leitura do espaço assim como sua funcionalidade. Dentre as várias praças públicas em São Paulo, o objeto de estudo e análise, com suas peculiaridades é a Praça Alexandre Cabanel, a qual sendo analisada, abre discussão na relação público e privado, desdobrando as necessidades atuais do local, tais como o uso do espaço como jardim dos moradores e a dificuldade desse espaço público ser capaz de promover o encontro, a troca entre as pessoas desde as relações políticas até o cotidiano de relações comerciais e sociais. O pressuposto básico da pesquisa é demonstrar como uma praça já projetada e em uso pode restringir o convívio social no espaço público pela falta de conectividade entre usuário e moradores do entorno, tornando-se um espaço antissocial, ao enfatizar usos programados e acessos indiretamente controlados.

### **Referencial teórico**

O espaço público pode ser considerado o palco onde os homens exercitam sua identidade. As trocas entre as pessoas incluem desde as relações políticas (a esfera pública) até o cotidiano das relações comerciais e sociais. A importância dessa troca nos espaços públicos são a expressão física dessas relações. Conforme Eugenio Queiroga, a esfera da vida pública entendida em sentido amplo envolve a produção cultural e a construção da cidadania, onde as diferenças e divergências tem possibilidade de se apresentar através dos discursos comunicativos, decorrendo a noção de bem comum, de bem público. O bem público não se confunde com a noção de bem comum, uma vez que o primeiro é fruto da construção da dialética da política e o segundo, se produz enquanto ideologia da classe dominante. A esfera pública se constitui no domínio da liberdade, da instância cultural, já a esfera privada se relaciona, primordialmente, ao domínio das necessidades, portanto da instância econômica. Logo, compreender o papel dos espaços livres públicos na atualidade contribui para o entendimento de algumas especialidades concretas na esfera pública.

Os espaços livres urbanos formam um sistema, apresentando, sobretudo, relações de conectividade, complementaridade e hierarquia. Entre seus múltiplos papéis, por vezes sobrepostos, estão a circulação, a drenagem, a atividade do ócio, convívio público, marcos referenciais, memórias, conforto, conservação ambiental, atividade de lazer e esportes. De maneira bastante ampla, a praça é um espaço voltado essencialmente ao encontro no âmbito da esfera pública. A praça como espaço, não apenas forma ou paisagem, cenário ou palco, mas um espaço para as ações da vida pública, sendo um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações. (QUEIROGA,2001). Assim, partimos do conceito de que quem define a praça é o que nela se realiza, de forma que importa qualifica-la a partir dos eventos nela verificados estabelecendo uma copresença de indivíduos. Simultaneamente uma construção e um vazio, a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano. Sua importância refere-se a seu

valor histórico, bem com a sua participação contínua na vida da cidade. Praça é o espaço público da prática da vida pública e, portanto, para ser atraente o espaço público deve conter elementos que facilitem o encontro entre grupo de pessoas: fontes, bancos, abrigos e coisas parecidas. A vegetação pode ou não ser proeminente. A praça como espaço público tem a função principal de ser um lugar para passear, sentar-se, comer e ver o mundo passar. Contudo, não se pode confundir praça com jardim, uma vez que a origem das praças brasileiras, destaca-se o caráter público e multifuncional que deve sua existência sobretudo aos adros de nossas igrejas. Se tradicionalmente essa dívida é válida, mais recentemente a praça tem sido confundida como jardim. A praça brasileira é enraizada nos hábitos de uso e da linguagem de seu povo. Em contrapartida, a socialização do espaço público tem sido relegada a um plano secundário, ofuscada pela questão de como deve ser a vegetação no ambiente urbano, tema que tem dominado as discussões sobre as praças e as cidades. Uma associação sem mediações de jardim, praça e parque sugere passagens apenas de escala, priorizando somente a semelhança formal, e não a diferença funcional. Jardins, praças e parques, como instituições independentes, existem desde os primórdios das cidades ocidentais. Espaços abertos verdejantes persistiram como alicerces da arquitetura e do urbanismo do século XX, em que a ideia “original” do verde como refúgio dominaria o desenho da cidade, prevalecendo sobre o espaço do convívio social cotidiano. (ALEX, 2008). Em meio a essa preocupação apenas formal e paisagística enfatizado pelo paisagismo atual, o qual ainda está dominado pelo “recreacionismo” e pelo “verdismo”, percebemos que pela óptica paisagística distorcida há o desprezo da combinação de uso múltiplo, acesso público e articulação com o tecido urbano como critério básico para o projeto de praças públicas. Acompanhando as dificuldades, deficiências e condicionantes que são frequentemente encontradas nos espaços públicos, a deficiência dos projetos e negligências na esfera de gestão pública das praças acarreta a perda de oportunidades de sociabilização e de fortalecimento da cidadania, contribuindo para o aumento da dependência de espaços privados para a prática da vida pública e, conseqüentemente, das desigualdades sociais e da exclusão, resultando em desuso da praça. Dessa forma, a socialização do espaço público dependerá em grande parte de quem determina o guarnecimento e o ordenamento do espaço, de quem está encarregado, de quem zela e de quem é ou se sente responsável por ele. As demarcações privadas nos espaços públicos, distancia a noção de bem público, de bem comum e, fortalece a demarcação do espaço por parte de usuários desta área aos olhos dos outros.

## **Metodologia**

A metodologia adotada prevê a utilização de trabalhos precedentes com palavras chave vinculadas ao tema escolhido ou sobre temas afins com fundamento na investigação

bibliográfica e documental. Com diferentes abordagens, os autores citados assim como aquele que serão incorporados no decorrer da pesquisa consiste em referências indispensável à formação da pesquisa.

Em relação aos conceitos e às categorias de análises utilizadas na abordagem do espaço público e acessibilidade será estudado o autor Sun Alex com o livro Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público (2008), doutor em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), no qual o autor analisa seis praças caracterizando o espaço público, coletivo e multifuncional. Alex propõe alternativas para ampliação do uso, acesso e integração com o entorno. Da mesma forma, será analisada a praça de estudo Alexandre Cabanel com suas peculiaridades e formação.

Para atingir o objetivo esperado, o método de estudo utilizado consistirá em:

Levantamento bibliográfico e revisão da literatura citada: os conceitos e as interpretações sobre espaços públicos e urbanidade na cidade contemporânea, a análise do espaço público propriamente dito tem como principal referência a dissertação de mestrado desenvolvida por Manuela Souza Ribeiro sob a orientação de Frederico de Holanda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (RIBEIRO & HOLANDA, 2013; RIBEIRO, 2013). Pesquisa empírica buscando dados que possibilitem possíveis respostas às problemáticas apresentadas; estudo de caso por meio da investigação e orientação preliminar resultando na análise qualitativa da pesquisa.

As informações e dados coletados serviram como base para as análises e interpretações, os quais foram utilizadas no desenvolvimento da pesquisa e dos conceitos aprofundados na revisão da literatura utilizada.

Levando em consideração o uso do espaço público, foram feitas algumas leituras das características básicas para definir as condições do espaço da Praça Alexandre Cabanel, com base nas soluções apresentadas no manual de diretrizes para a identificação de problemas e potencialidades dos espaços públicos de Simone Gatti, tais como: Condição de circulação para pedestres e modais não motorizados, acessibilidade, arborização, iluminação, conforto, segurança, área de estar e permanência, atividades realizadas e apelo visual, identificando alternativas para dinamizar a vida coletiva e humanizar essa região e também com base nos conceitos do livro Projeto da Praça de Sun Alex.

Apoiado em mapas e desenhos de múltiplas escalas, complementados com pequenos textos, os estudos seguiram procedimentos habituais de projeto, constituído de breve pesquisa histórica, análise do contexto, levantamento da situação existente, observação de usos, identificação de conflitos entre projeto e uso, elaboração de alternativas e verificação de propostas. Para a localização da praça foi utilizado o mapa cadastral da

cidade, com indicação de raios de 100 m de distância aproximadamente a partir da praça. O pressuposto básico da pesquisa é demonstrar que o convívio social no espaço público está intimamente relacionado às oportunidade de acesso e uso, o que depende de um desenho “interno” coerente e de um desenho “externo” ruas e o tráfego da área adequado, proporcionando a melhora da qualidade ambiental e a revitalização urbana do espaço analisado.

No estudo da praça, foi utilizado o mesmo processo de análise e levantamento que Alex Sun desenvolveu em seu estudo da praça Dom José Gaspar e da praça Roosevelt. O contexto geral, na escala 1.7000 apresenta a isócrina, tempo de 15 minutos da praça ao entorno, formando um raio aproximado de 500 m e outros mapas na escala 1.5.000, tiveram como base o mapa cadastral do Mapa Digital da Cidade de São Paulo - GeoSampa. Esse desenho possibilitou analisar a estrutura viária e o padrão de parcelamento na área em redor de cada praça e identificar os principais referenciais arquitetônicos e espaços públicos próximos. Permitiu ainda estabelecer maior conhecimento do espaço em relação a tamanho, implantação, caráter e permeabilidade.

Para o tecido urbano, na escala 1.2.000, foram utilizados e compatibilizados os mapas do GeoSampa. O desenho procurou reinserir a praça no mapa e verificar sua relação com o entorno próximo, como, por exemplo, a permeabilidade (delimitação por ruas) e a acessibilidade (convergência de ruas). Para o entorno, na escala 1.1.000, foram ampliados os mapas do GeoSampa. Essa análise procurou destacar a relação da praça com a vizinhança próxima e imediata, observando e anotando a ocupação e o uso do solo, a altura das edificações e seu estado de conservação, as atividades desenvolvidas e as travessias de pedestre. O desenho nessa escala possibilitou enxergar toda a praça e seu entorno imediato.

Para a análise de projeto foi utilizado o mesmo mapa da escala 1.1000, a planta da praça foi utilizada com base em observações e mediações no local e reproduzida para conduzir as diferentes categorias de análise: situação atual, uso e projeto. Destacou-se também a relação entre a calçada e a praça, com identificação das barreiras visuais e físicas e dos acessos. A pesquisa de uso e conformidade seguiu a metodologia de avaliação conforme Jan Gehl em suas análises de espaços público, tais como, proteção contra o tráfego; segurança no espaço público; proteção contra experiências sensoriais desagradáveis; espaços para caminhar; espaços de permanência; ter onde sentar; possibilidade de observar; possibilidade de conversar; locais para se exercitar; escala humana; possibilidade de aproveitar o clima; boa experiência sensorial. Para isso, foram feitas observações sistemáticas de uso em horários diferentes e intervalos regulares, como por exemplo, vinte minutos no local a cada duas horas, em dias diferentes da semana e em vários meses do ano;

mapeamento comportamentais, anotando a quantidade e a diversidade de pessoas no local e as atividades desenvolvidas. Não foram utilizadas fotografias para o registro do uso, apenas fotografias do local, uma vez que não temos o intuito de expor a imagem física dos frequentadores do espaço.

## **Resultados e Discussão**

A Praça Alexandre Cabanel está localizada na Região Sul de São Paulo, Vila Firmiano Pinto, abrangendo a Rua Doutor Ricardo Jafet, Rua Vergeiro, Rua Saioá, entre outras, no distrito Vila Mariana com densidade demográfica de 15, 172 hab./km<sup>2</sup>, conforme dados fornecidos pelo IBGE. A figura 1 abaixo (Geosampa, 2004) destaca a praça na cor verde no contexto de sua área, bem como a localização da praça com referência ao município de São Paulo.

A análise da área envoltória contempla a identificação de residências de alto padrão, com apenas uma empresa de escritórios na Rua Charles Astor. Nas ruas paralelas, encontram-se áreas residenciais, assim como alguns comércios, dentre eles, o mercado Tateno e agências bancárias, como Itaú, Banco do Brasil, Bradesco e Santander. De maneira geral, as construções são de baixo e médio gabarito, com casas, na maioria, com dois pavimentos, com o predomínio do caráter horizontal das residências. A região é carente de mais equipamentos culturais e de lazer, nas quadras próximas está presente a Casa Modernista brasileira, lugar de interesse histórico e arquitetônico localizado na rua Santa Cruz, além de outras pequenas praças. Equipamentos e lugares significativos localizados no entorno da área como hospitais - Hospital Santa Cruz e Hospital Sepaco, e pequenos comércios e serviços proporcionam qualidade de uso na região.

A Praça Alexandre Cabanel, por alguns denominada Praça Amarela, é um local arborizado, com grandes e diversas árvores de largas copas que possibilitam um ambiente termicamente confortável. Os equipamentos públicos existentes, tais como calçadas, aparelhos de exercícios físicos estão em excelente estado de conservação, no entanto, a iluminação no período noturno é precária. Pela quantidade de árvores há poucos pontos de iluminação, resultando no baixo aproveitamento do local nesse período, com isso a região fica com menos fluxos de pessoas e aumenta a insegurança. A rua da praça é frequentemente ocupada por moradores das residências ao redor, crianças e adultos que praticam exercício físico. As áreas de lazer infantil e de idosos são delimitadas e protegidas por elementos naturais, como as árvores possibilitando então a segurança dos usuários.



Sem data precisa de inauguração e construção da praça, devido a inexistência de informação sobre sua origem na base de dados da prefeitura de São Paulo, não podemos afirmar se a praça foi projetada por um arquiteto ou por profissionais da área, ou se ela, com o passar dos anos, foi sendo transformada em praça devido a necessidade dos moradores do entorno. A análise da formação da praça ocorre por meio do estudo do levantamento de mapas históricos dos anos de 1930, 1954, 1973 e 2004.

Em 1930, conforme a figura 2, coletada do GeoSampa, ainda não havia o formato da praça no desenho urbano da região. Nessa época, essa região próxima ao córrego do Ipiranga era uma grande área verde, com poucas chácaras no entorno. Com a construção da primeira casa modernista na Rua Santa Cruz nos anos de 1927 a 1930, pelo arquiteto russo radicado em São Paulo, Gregori Warchavchik, a região começa a atrair novos empreendimentos e investimentos, como o hospital Santa Cruz, construído no mesmo período em frente à casa modernista. O hospital era um imóvel mantido por japoneses, naquele momento aliados do regime antissemita alemão na 2ª Guerra Mundial.

Com o passar dos anos, a cidade de São Paulo passou por transformações devido ao aumento rápido da população. O dinamismo da economia refletia-se então no aumento da população: a cidade crescia impulsionada pelo movimento de expansão do setor industrial. A região central da cidade fora ocupada pelos arranha-céus, abrigando especialmente sedes de bancos e instituições financeiras, já em direção à República, sobretudo, se instalaram atividades comerciais e serviços, por exemplo na rua Barão de Itapetininga. As avenidas São João e Ipiranga delimitavam o polo de entretenimento e de vida noturna da capital, com seus muitos cinemas, restaurantes, bares e calçadas iluminadas por enormes letreiros de neon (IGC – CENSO, 1950)

O bairro de Vila Mariana já na década de 1950 passa a ser ocupado por residências e alguns comércios e serviços. Conforme as transformações econômicas acontecem na cidade, os bairros residências aumentam. Assim, na área de estudo, conforme a figura 3 ampliada na figura 4, no ano de 1954, a construção de conjuntos residenciais, no caso, o denominado Conjunto dos Bancários, construído em 1944, e de outras residências, aumentam a densidade demográfica da área. No entanto, as demais partes lestes do córrego Ipiranga ainda estavam habitadas por poucas chácaras, as quais eram distantes uma das outras, apresentando então, espaços abertos e poucos densos.

O terceiro mapa para a historiologia da praça é o do Gegrar de fevereiro de 1973, que pode ser observado na figura 5, o qual foi redimensionado e enquadrado para caber nas dimensões da folha utilizada nesse trabalho. Para melhor visualização da área foi necessária a ampliação da imagem, centralizando então a praça e sinalizando-a de verde, figura 6.

Nesse período da década de 1973 observa-se que houve um aumento significativo de construções na região. No entanto, a área de estudo ainda continua com baixa densidade populacional. A praça não aparece definida no mapa, ainda parece ser um grande espaço verde sem construção e com pequenas chácaras no entorno imediato à atual praça. Portanto, com a análise dos levantamentos cartográficos dos anos 1930, 1954, 1973 e 2004 pode concluir que a praça Alexandre Cabanel, tal como está planejada no mapeamento de 2004 deve ter tido sua origem entre os anos 80 e 90.



Figura 2 – Mapeamento 1930 Vila Mariana. Escala 1.5000. Geosampa.



Figura 3 – Mapa 1954 Vila Mariana. Folha A3. Acervo Governo do Estado de São Paulo



Legenda:



Demarcação da praça ainda inexistente em 1954. Imagem ampliada do mapa da figura 3 para ressaltar o objeto de estudo.

Figura 4 – Vila Mariana 1954. Elaboração própria sobre base Governo do Estado de São Paulo.

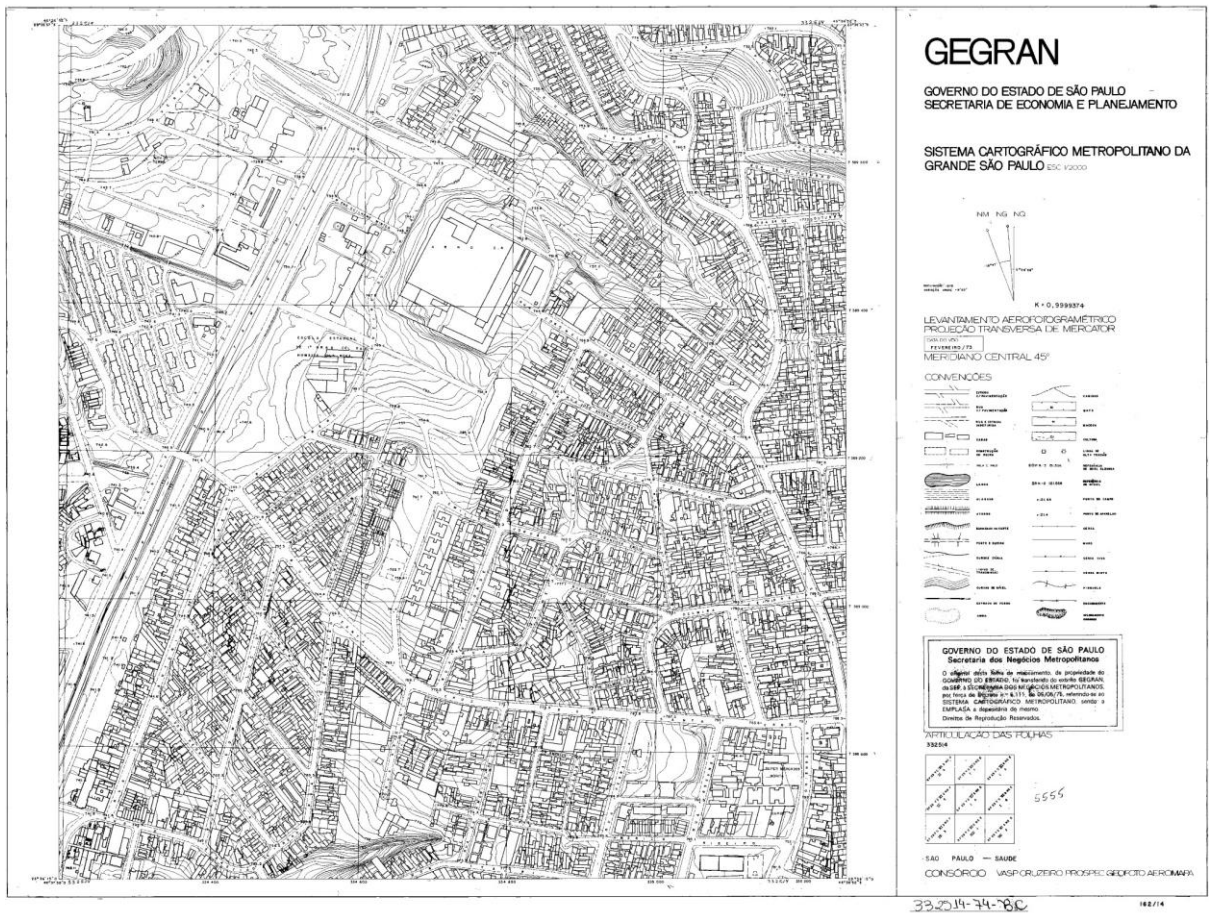


Figura 5 – Levantamento aerofotogramétrico Vila Mariana 1973. Escala 1.2000 folha A3. Gegrán, Emplasa.



Legenda:

 Área da praça ainda inexistente em 1973 – Imagem ampliada do mapa da figura 5 para centralizar o objeto de estudo – A praça

Figura 6 – 1973 Praça Alexandre Cabanell. Escala 1.2000 folha A3. Elaboração própria sobre base Gegrán, Emplasa..

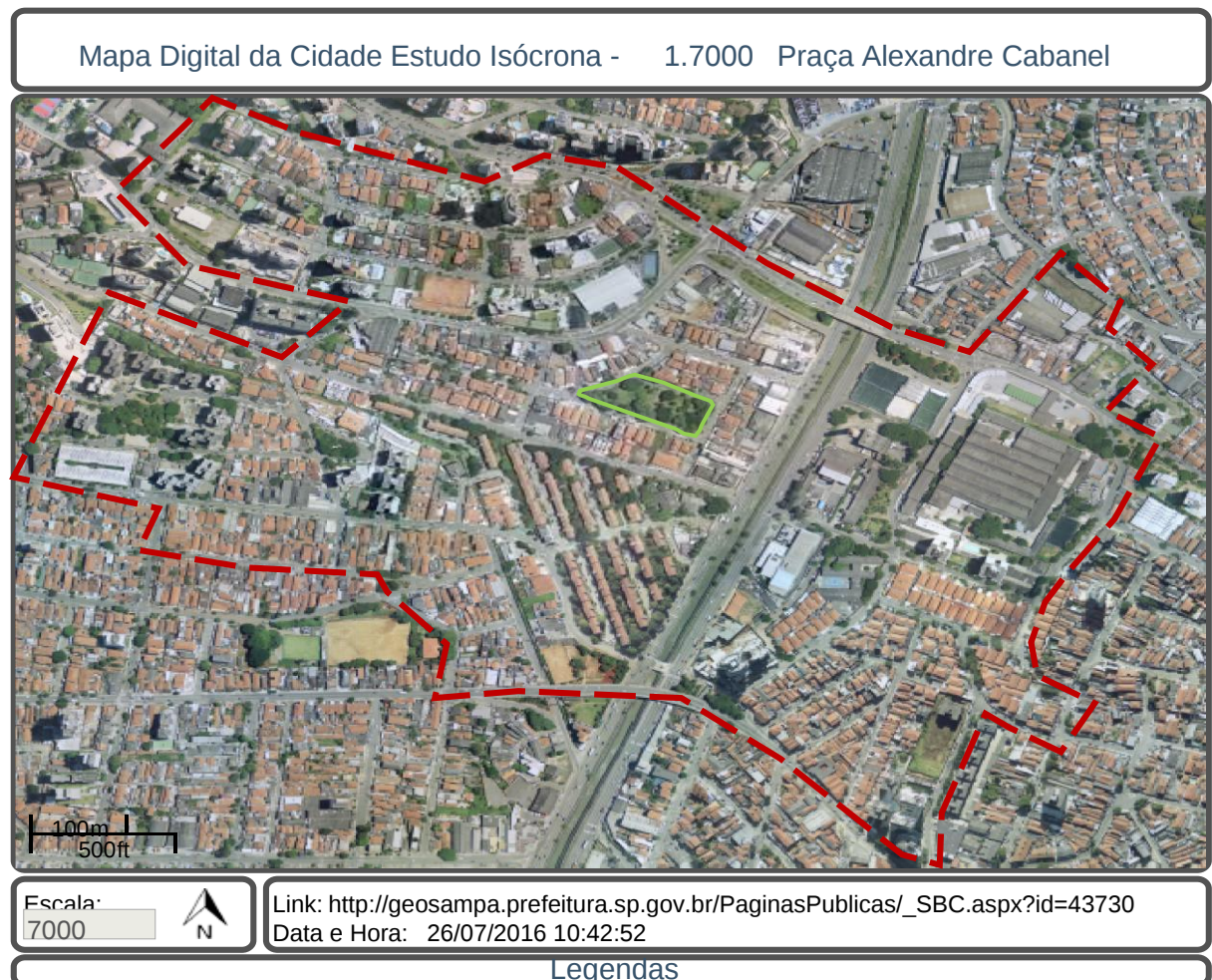
Para a análise urbanística do entorno, podemos observar o mapa da figura 10, onde a área aparece cortada pelo córrego Ipiranga a céu aberto e pelo córrego Emboacu canalizado, ambos oriundos do Rio Tamanduateí, formando a hidrografia da região. Como está próxima ao córrego Ipiranga onde passa o rio, a localização topográfica da praça aumenta de 740 WS a 743 WS, portanto com um desnível de 3 metros, a região tende a aumentar do rio 739 WS a 754 WS mais a leste da praça.

A figura 7 abaixo, o estudo da isócrona, propõe a análise peatonal da praça com o entorno. Levando em consideração que um indivíduo demora cerca de 15 minutos para chegar a um espaço público, a figura demarca os possíveis usuários da praça. No entanto, como há uma barreira natural na região, o córrego Ipiranga a céu aberto do rio Tamanduateí, dificilmente os moradores, que residem do outro lado do rio, irão utilizar frequentemente a praça. A partir do estudo do contexto geral do mapa da figura 8, podemos observar a estrutura viária da região, a qual apresenta pontos de ônibus bem distribuídos e uma estação de metrô mais próxima, a estação Santos-Imigrantes da linha verde da CPTM, bem como as principais vias da região, como a Avenida Ricardo Jafet que liga o eixo norte/sul da cidade de São Paulo e a Rua Vergueiro, a qual começa no bairro da Liberdade (centro), cortando o distrito da Vila Mariana e terminando no distrito do Sacomã, na zona sul. Assim, a região é considerada bem localizada na cidade e possui fácil acesso tanto por meio de transportes públicos, como particulares pelas vias principais.

Continuando na análise do contexto da região, a figura 9 apresenta o uso predominante do solo. O entorno imediato da praça é composta principalmente por residências horizontais de médio/alto padrão e poucos lotes de serviços. Já nas quadras adjacentes, o uso é predominantemente de residências verticais de médio/alto padrão. A área em vermelho representa o mais importante local em que há comércio e serviços que influenciam no uso da praça, onde encontra-se o mercado Tatenó e a loja de departamentos, a Precolândia. A área também é bem servida de equipamentos públicos, encontrados na cor roxo, como por exemplo, postos de saúde. Pode-se observar nesse mapa na escala 1:5000 que na região, a praça Alexandre Cabanell é o espaço público com maior área, localizada no centro da quadra.

No mapa da figura 10, estudo do tecido urbano, podemos observar melhor a localização da praça no centro da quadra. Dentre os diversos fluxos, com a observação semanal feita na praça, e por estar no centro da quadra, as ruas da praça são utilizadas como meio de passagem para acesso aos transportes públicos (ônibus e metrô) e de passagem para acesso aos serviços principais da região. Portanto, os moradores da região conhecem a praça, porque ela é um ponto de passagem de convergência ao acesso às quadras vizinhas. Essa localização estratégica central caracteriza o uso monofuncional da praça, que

será analisado mais a fundo no estudo do projeto da praça. Também é notável na figura que a permeabilidade da região é potencializada principalmente pela praça e pela vegetação encontrada no conjunto de residências horizontais (Conjunto dos Bancários). Assim, o solo predominante da praça é permeável, com árvores de distâncias média entre elas, porém com grandes copas, que proporcionam aproximação com a natureza, pela quantidade de verde, mas ao mesmo tempo diminui a visibilidade do céu. A permeabilidade com os grande canteiros de grama é uma barreira natural sutil, de forma que o usuário para passar de uma lado ao outro da praça é conduzido pelo caminho de concreto nas laterais da praça ou por um caminho central que liga uma extremidade da praça á outra.

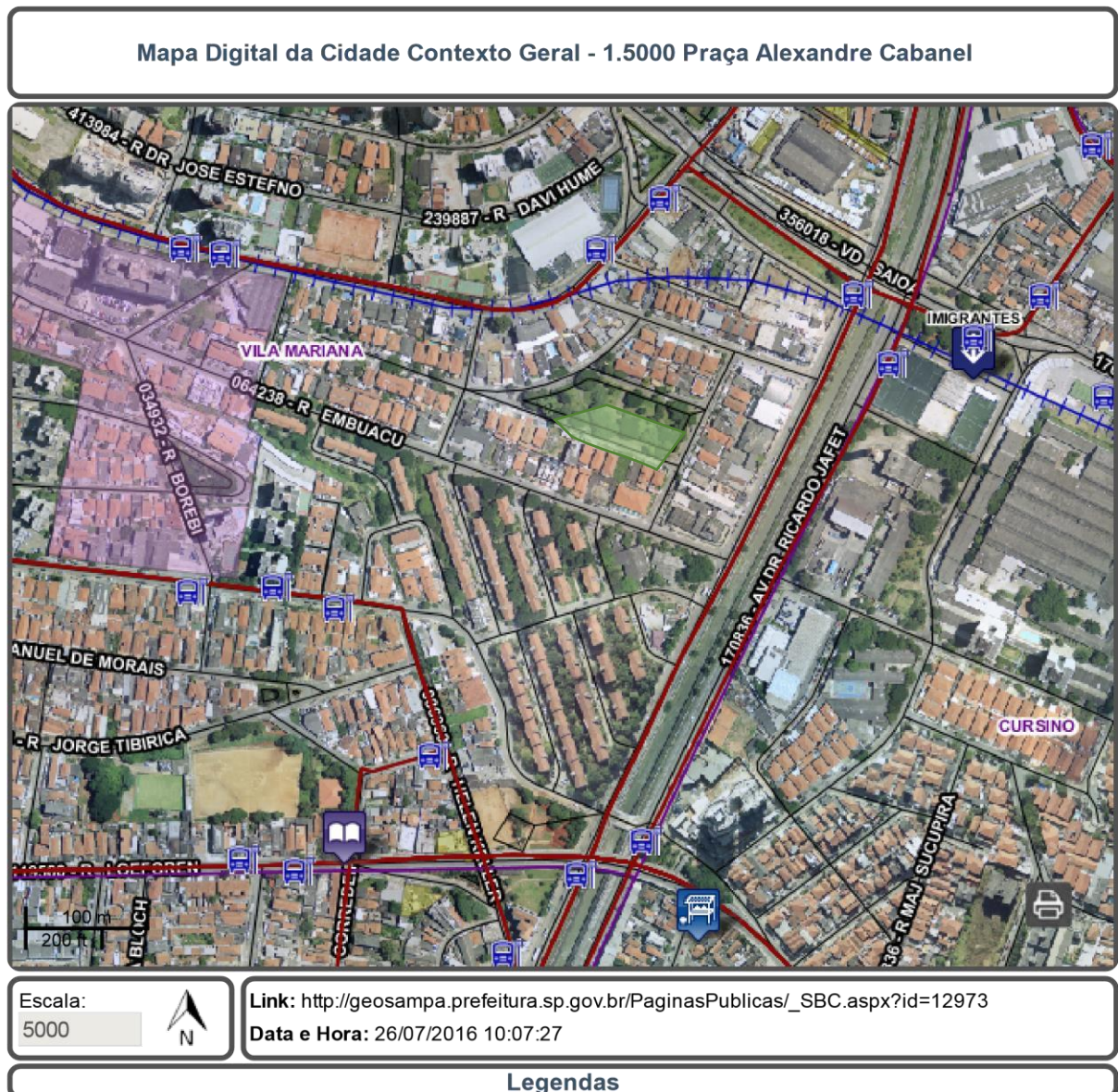


Ortofoto 2004 - MDC

Legenda:

- Caminho de 15 minutos a partir da Praça
- Demarcação da Praça

Figura 7 – Estudo Isócrina Praça Alexandre Cabanel. Escala 1.7000. Elaboração própria sobre base Geosampa.



| Legendas                                   |                     |                    |                  |
|--------------------------------------------|---------------------|--------------------|------------------|
| Loteamento - Habitasampa                   | Ortofoto 2004 - MDC | Municípios da RMSP | Logradouro       |
| Favela - Habitasampa                       | Distrito            | Metrô - Linha      |                  |
| Renda familiar de até 6 salários mínimos   | Linhas de Ônibus    | Metrô - Estação    | Pontos de ônibus |
| Renda familiar acima de 6 salários mínimos | Bibliotecas         | Feira livre        |                  |

Figura 8 – Contexto Geral Praça Alexandre Cabanel. Escala 1.5000. Elaboração própria sobre base Geosampa.

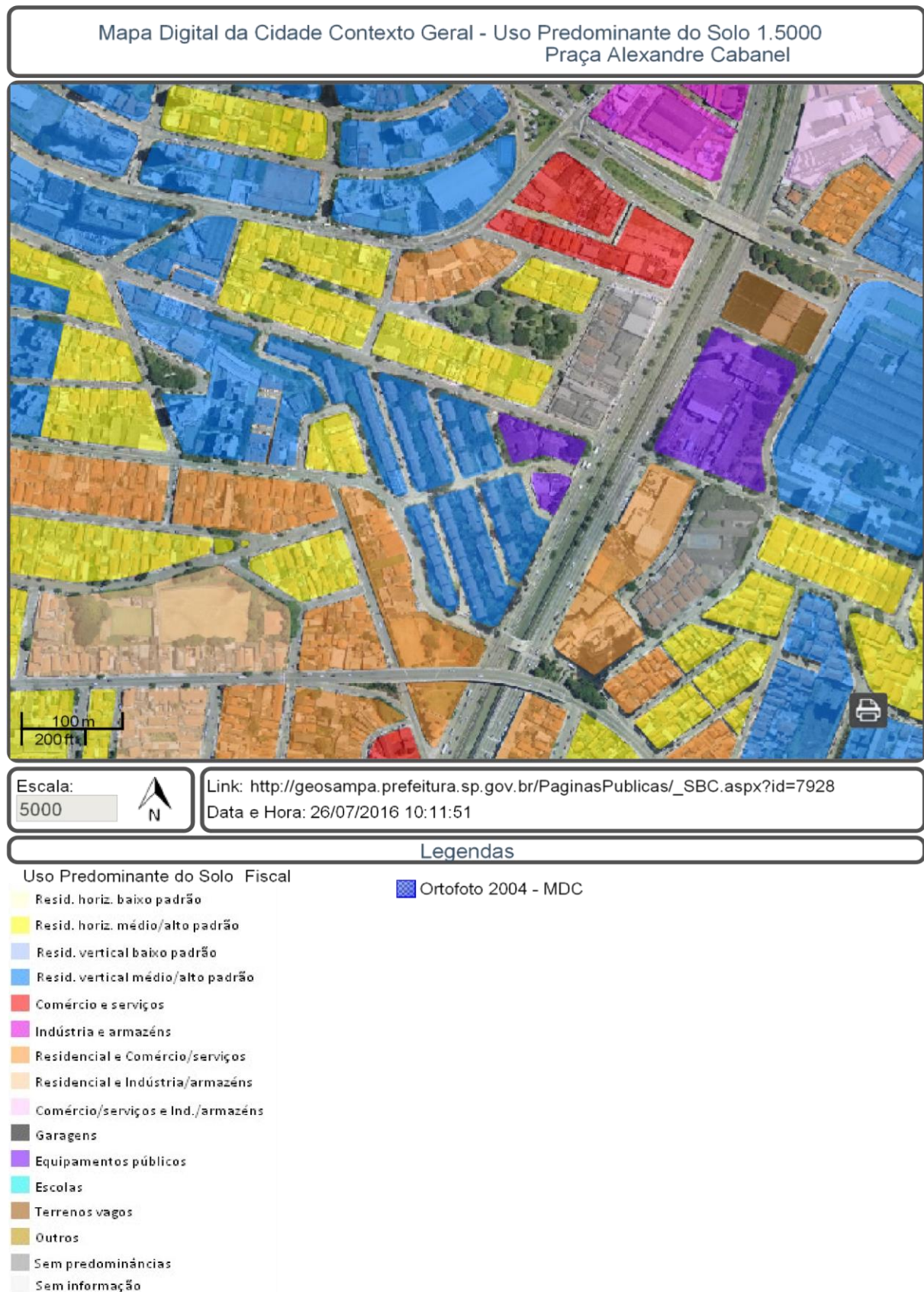


Figura 9 – Contexto Geral Praça Alexandre Cabanel, Uso do Solo. Escala 1.5000. Elaboração própria sobre base Geosampa.

### Mapa Digital da Cidade Tecido Urbano 1.2000 Praça Alexandre Cabanel



Escala:  
2000



Link: [http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx?id=86188](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=86188)

Data e Hora: 26/07/2016 09:46:21

#### Legendas

Ortofoto 2004 - MDC

Municípios da RMSP

Área de Proteção aos  
Mananciais

Nível Represa 2004

Represa - Nível Máximo

Drenagem

Figura 10 – Tecido Urbano Praça Alexandre Cabanel. Escala 1.2000. Elaboração própria sobre base Geosampa.

Na análise do projeto será utilizado o mapa da figura 13 com escala 1.1000 com a planta da praça e com seu entorno imediato – implantação; bem como as figuras 11, 12 e 14 com imagens de satélite – 2015. A análise sistemática da praça Alexandre Cabanel foi feita, a fim de obter informações se, especificamente, esse espaço público tem a capacidade de promover o encontro. Esses conceitos foram tirados do livro do urbanista Jan Gehl, Cidade Para Pessoas.

1. Proteção contra o tráfego: Há segurança para os pedestres uma vez que a calçada é preservada e larga. Não há motivo para temer o tráfego porque o fluxo de carro nas ruas adjacentes à praça não é intenso.
2. Segurança nos espaços públicos: O espaço tem mais vida no período da manhã para atividades físicas com predominância de usuários mais idosos e, à tarde para atividades ociosas realizadas, principalmente, por trabalhadores dos pontos de comércio e serviço da região. A noite a praça fica mais deserta, com pouca circulação de pessoas. A atividade mais frequente durante o dia é a caminhada de usuários com animais de estimação, com menos frequência no período noturno. A praça tem iluminação noturna, porém para atrair mais usuários nesse período, seria necessário melhorar a iluminação. Devido as copas das árvores serem altas, pontos de penumbra dificultam a iluminação, podendo causar insegurança para o uso nesse período. Há um ponto de segurança privada localizada no centro da praça próximo à calçada, uma guarita com um segurança contratado, noite e dia, bem como algumas câmeras posicionadas na praça que focalizam a entrada de algumas residências do entorno.
3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis: A praça não apresenta nenhuma área de abrigo do vento, chuva ou sol. As copas altas das árvores servem como um semi-abrigo. As áreas verdes amenizam as altas temperaturas, a poluição da região, e a sensação de barulho. O fato de estar no centro da quadra, a praça é um dos pontos com menos poluição sonora do quarteirão.
4. Espaços para caminhar: As fachadas visíveis são das casas do entorno da praça, algumas com muros altos, ou com portões fechados. A área de caminhada não tem obstáculos, as superfícies são regulares, com acessibilidade a todos. Devido ao desnível aproximado de 3 metros, a praça apresenta área de declive.
5. Espaços de permanência: A praça apresenta pouco espaço de permanência, há apenas uma mureta central que os usuários utilizam para sentar, por ausência de bancos e lugares de permanência convidativos, alguns utilizam os aparelhos públicos de exercício físico como assento. Um dos problemas da praça é que ela não foi projetada com espaços de permanência. A paisagem da praça é interessante para contemplação do usuário, com boa área verde e boa visibilidade do todo, graças ao pequeno desnível, mas talvez porque há residências ao redor da praça, não encontramos bancos para sentar. Assim, sem local de repouso e descanso a praça não é convidativa para contemplação do local, e assim, os usuários não permanecem por longos períodos na praça, diminuindo o sentimento de pertença do lugar e de convívio com os demais usuários. De modo geral, as vistas e as paisagens não estão escondidas, a não

ser os objetos que os moradores colocam em suas casas para privacidade própria, como os portões e os muros. Mas a praça em si é bem aberta, podendo nos diferentes pontos, observar a movimentação de entrada e saída de pessoas e veículos nas ruas adjacentes.

6. Possibilidade para conversar: A praça apresenta baixo ruído, por ser no centro da quadra, quando comparada com a movimentada avenida Ricardo Jafet. A praça tem um parque infantil no centro e dois pontos opostos onde localizam-se os aparelhos públicos de exercício físico. Por ser uma praça bem cuidada tanto no mobiliário, quanto á vegetação e limpeza, o espaço convida as pessoas a adentrarem, porém, pela falta de bancos e de outros espaços de permanência não é atrativa quanto a viver a praça.
7. Escala humana: Como as construções residenciais no entorno imediato são horizontais, o ambiente torna-se agradável para a escala humana. As árvores com grandes troncos e altas copas, dão a sensação de abrigo, mesmo não sendo.
8. Possibilidade para aproveitar o clima: Não há espaços para aproveitar o clima das diferentes estações do ano. Com frio e chuva a praça é praticamente inutilizada.
9. Boa experiência sensorial: Árvores e plantas são a beleza da praça. O pouco mobiliário urbano existente é de bom material e bem conservado, como lixeiras, parque infantil de madeira e o equipamento público de exercício físico.



Figura 11 - Foto da Praça Alexandre Cabanel, 2015. Google, Street View.

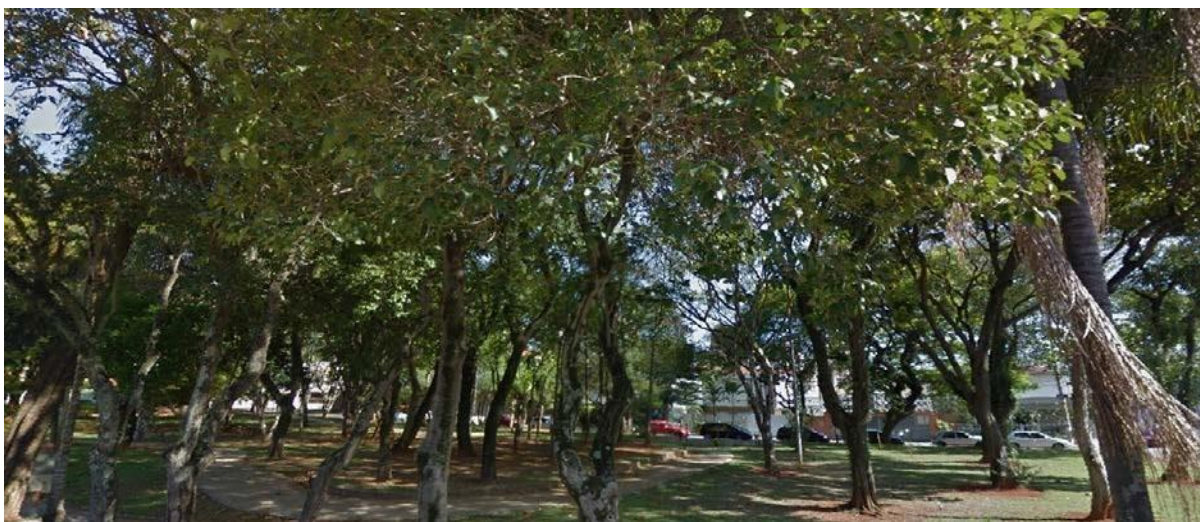


Figura 12 - Foto da Praça Alexandre Cabanel 2015. Imagem retirada Google Street View, 2015.

Mapa Digital da Cidade Entorno 1.1000 Praça Alexandre Cabanel



Escala:  
1000



Link: [http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx?id=527](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=527)  
Data e Hora: 26/07/2016 09:41:00

Legendas



Ortofoto 2004 - MDC



Municípios da RMSP

Figura 13 – Entorno da praça Alexandre Cabanel. Escala 1.1000. Elaboração própria sobre base Geosampa



Figura 14 – Entorno praça Alexandre Cabanel. Imagem de satélite Google Earth 2015

### Considerações finais

Após essa breve exposição do programa de atividades, setorização e das características físicas e ambientais do projeto atual da praça e com os conceitos expostos no referencial teórico, este projeto de pesquisa pretende contribuir para a melhor compreensão das relações entre processos sociais e formas espaciais nos espaços públicos, desse modo, contribuindo para o melhor esclarecimento de uma problemática atual e presente na cidade de São Paulo e em outras cidades do Brasil e do mundo.

Como podemos observar ao longo do estudo, a praça Alexandre Cabanel, situada em uma localidade nobre e acessível da cidade de São Paulo, com atrativo natural pela qualidade ambiental da vegetação presente, tem capacidade para torna-se um espaço mais agradável e atrativo propiciando um uso seguro aos residentes do entorno, ao mesmo tempo, tornar-se um espaço aberto que promove o encontro e o convívio social que atraia grupos e pessoas, de forma que o espaço tenha identidade, memória e multifuncionalidade. Seja pela instalação de guarita de segurança ou pela falta de locais de permanência, a praça sugere uma propriedade particular, fortalecendo a demarcação por parte de alguns usuários desta área aos olhos de outros.

Como foi exposto, dentre os vários espaços públicos da cidade, a praça é um espaço para as ações da vida pública, sendo um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações. Assim, a praça é o que nela se realiza, de forma que importa qualificá-la a partir dos eventos nela verificados estabelecendo uma copresença entre indivíduos (QUEIROGA, 2001). Partindo desse pressuposto de espaço público, a praça Alexandre Cabanel por ser monofuncional, sendo caracterizada apenas por uma atividade frequente, a prática de exercício físico, perde então o seu caráter de vida pública, com sua capacidade de

pluralidade de uso e exploração do espaço, com construção de espaços agradáveis propiciando um uso seguro, o qual dá as pessoas uma razão para vir a um lugar e voltar.

Com referência a dissertação de mestrado desenvolvida por Manuela Souza Ribeiro sob a orientação de Frederico de Holanda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (RIBEIRO & HOLANDA, 2013; RIBEIRO, 2013), foi identificado alguns elementos de urbanidade no decorrer da pesquisa, no entanto, o conceito exige uma discussão mais aprofundada, uma vez que a questão de urbanidade é ampla e complexa, abordando assuntos como vitalidade urbana, com análise de padrões espaciais obtido por meio de mapas axiais com ênfase na Teoria da Sintaxe Espacial.

Ao incluir na pesquisa os levantamentos de mapas desde o início do século XX como instrumento de investigação do surgimento da praça, e o levantamentos dos mapas de análise do contexto e do projeto para reflexão do uso nesse espaço público, procurou-se contribuir para o acesso a informações antes inexistentes sobre a Praça Alexandre Cabanel, de forma que essa pesquisa seja base para o estudos de outros pesquisadores, a fim de melhorar a qualidade desse espaço público, com novas propostas para um programa mais funcional no projeto já existente.

## Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Sérgio Luis. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo, Annablume/FAPESP, 2008.

ALEX, Sun. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Ed. SENAC, 2008.

GATTI, Simone. **Espaços Públicos. Diagnósticos e metodologia de projeto**. 2013. Apoio CAU-USP, Febrae e Asbea. Disponível em: <<http://www.cimentoitambe.com.br/wpcontent/uploads/2013/09/Espacos-Publicos.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

GEHL, Jan. **Life Between Buildings: Using public space**. Ny: van Nostrand Reinhold, 1987. Traduzido por Jo Koch.

HABERMAS, J. **The public sphere: an encyclopedia article**. New German Critique, 1 (3), pp. 49-55.

GEHL, Jan. **La humanización del espacio urbano: la vida social entre los edificios**. Barcelona: Reverté S.A., 2008.

GEHL, Jan; GEMZOE, Lars. **Novos espaços urbanos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IGC – Instituto Geográfico e Cartográfico. Secretaria do Estado de Economia e Planejamento. **Censo de 1950**  
<[http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/1950.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1950.php)> Acesso em 20 de julho de 2016.

LOW, Seta. **Transformaciones del espacio público en la ciudad latinoamericana**. En Bifurcaciones [online]. núm. 5, verão 2005. World Wide Web document, URL: <[www.bifurcaciones.cl/005/Low.htm](http://www.bifurcaciones.cl/005/Low.htm)>. Acesso em 15 de abril de 2015.

QUEIROGA, Eugenio. A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2001.

RIBEIRO, Manuela Souza. **Habitar, trabalhar, recrear e circular: possibilidades e limitações nas superquadras de Brasília**. 2013. 221 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.fredericodeholanda.com.br/>

RIBEIRO, Manuela Souza; HOLANDA, Frederico. **Urbanidade nas superquadras de Brasília**. In Cadernos do PROARQ, n.20, dezembro 2013, pp. 11-32. Disponível em [http://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq\\_20-011.pdf](http://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq_20-011.pdf). Acesso em 29 de abril de 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

WHYTE, William H. **The social life of urban small spaces**. Washington (DC): The Conservation Foundation, 1980.

**Contatos:** [gracielaavargas31@gmail.com](mailto:gracielaavargas31@gmail.com) e [riveradecastro@gmail.com](mailto:riveradecastro@gmail.com)